



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

S seja lá qual for a escolha do diretor belga Fabrice Du Welz, o presidente do júri do 79º Festival de Locarno, ao anunciar, neste sábado, quem levará o Leopardo de Ouro de 2025, o Brasil já pode celebrar a consagração internacional da diretora de fotografia Luciana Baseggio como artesã da luz, pois seu trabalho em “A Margem do Rio” é notável. De tudo o que se viu até o momento na disputa do evento suíço, marcada por invenções lúdicas (a fantasia chilena “Princesa Burro”) e painéis da força feminina (o drama “Brave New Love”, da Dinamarca), os enquadramentos arquitetados por Luciana, no thriller queer de Enock Carvalho e Matheus Farias, desafia convenções testadas (e aprovadas) historicamente na seara do suspense. É um elogio ao desejo, que peita interditos morais no retrato por um Nordeste cercado de elementos místicos em seu mangue, onde a mais temível assombração é o avanço de seitas religiosas neopentecostais conservadoras. A artesanaria de sua fotografia já havia impressionado a Europa em 2025, com “Ato Noturno”, uma das sensações da Berlinale do ano passado, que valeu a ela um troféu Redentor no Festival do Rio. Locarno só fez referendar e espichar sua consagração.

Numa narrativa sinestésica de flerte com o mistério, “A Margem do Rio” segue os passos de Izaquiel (Caique Copque), um auxiliar de serviços gerais do Recife.



Izaquiel (Caique Copque) se prepara para a rotina numa seita religiosa conservadora em A Margem do Rio

Mangue vivo... e sensual

O thriller queer ‘A Margem do Rio’ passa pela competição de Locarno demarcando a força criativa da fotografia Luciana Baseggio, numa atmosfera de mistério que celebra o desejo

Num recorte dessa cidade com foco em rotas fluviais e manguezais, o rapaz se aventura perigosamente, noite após noite, em encontros secretos com outros homens. Numa dessas investidas em busca de goza, tromba com o pescador de ar sedutor Jeremias (Ítalo Martins, ator em

fase de apogeu em sua arte). O flerte entre eles deixa o jovem zelador magnetizado pelo querer. Durante o dia, contudo, a encantaria do sexo vai embora e dá vez a uma rotina laboral capitalista opressora, no momento em que Izaquiel é escalado para trabalhar na sede de um culto

evangélico cujo líder é um pastor boquirroto, que não aceita ver piercings na orelha de seu funcionário, nem tolera ver unhas pintadas nas mãos de seus serviçais. Essa figura, com ares de senhor feudal, que lembra o bispo mau de “O Feitiço de Áquila” (1985), é vivido com bri-

lhantismo por Robério Diógenes, o delegado “imperfeito” de “O Agente Secreto” (2025).

Na montagem taquicárdica feita pelo próprio Matheus Farias, com Will Domingos, à medida que Izaquiel se vê acochado por minions fanáticos, Jeremias o convida a uma jornada rumo às profundezas do coração do manguezal. A forma como essa conexão dos dois é narrada por sua dupla de realizadores (antes conhecida pelo curta “Inabitável”) lembra o cult “Um Estranho no Lago” (2013), de Alain Giraudie. O design (e a edição) de som de Daniel Turini e João Victor Coura é outro êxito do concorrente nacional ao Leopardo de Locarno.

A presença brasileira em Locarno aumenta nesta quarta, agora na mostra Cineasti del Presente, voltada para primeiros e segundos longas, onde Ana Vaz apresenta “Hanabi” (“Fire Flower”), sobre o terremoto no Japão, reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais do cinema contemporâneo.

Um ‘bromance’ sobre quatro rodas

Depois de atropelar produções carregadas de grifes autorais mais consagradas, “Petrolheads” deixa Locarno com fama de pop, angariando silenciosamente convites para outras mostras. Exibido na Semaine de la Critique de Locarno, a produção escandinava faz da amizade sua matéria poética, numa reflexão sobre companheirismo. Diretor de fotografia de vasta quilometragem profissional, o dinamarquês Emil Langballe, 43 anos, transforma a relação entre Martin Jensen (seu irmão adotivo) e Casper Størner num estudo minucioso sobre o que significa cuidar de alguém. Martin, diagnosticado desde os 9 anos com condições severas, sonha com um Honda Civic 1994



Casper, Martin e o carro que os une em Petrolheads

e divide com Casper sua paixão obsessiva por carros.

“Casper sempre foi, de certa forma, o cuidador de Martin”, disse Emil ao Correio da Manhã, em

entrevista concedida via Zoom. Há um desequilíbrio nessa relação, mas também uma franqueza rara: eles brigam, confrontam-se e resolvem os conflitos sem guardar

ressentimentos. O carro, espaço íntimo onde os dois conseguem conversar sem precisar se encerrar, torna-se extensão dessa cumplicidade. “Fiquei muito tocado

pela importância de ter um bom amigo com quem você possa falar sobre tudo, especialmente quando as coisas dão errado”, afirma o cineasta. É aí que “Petrolheads” amplia o conceito de bromance, o amor entre parças, para investigar algo mais complexo: solidariedade. A amizade de Martin e Casper não é idealizada nem confortável, mas resiste justamente por ser direta. Emil, diretor de “Q’s Barbershop” (2019) e de “Theatre of Violence” (2023), leva ao longa uma experiência visual que também dialoga com seus trabalhos anteriores. O resultado é um retrato do afeto entre dois homens que se protegem enquanto tentam sobreviver às próprias limitações. (R.F)